

## *A Aura da Dama de Espadas*

José Manuel de Vasconcelos  
Poeta, tradutor e ensaísta

*Lo más fácil, entre nosotros, será morir;  
un poco menos fácil, soñar; difícil rebelarse;  
dificilísimo, amar.*

Carlos Fuentes

A rua era íngreme e as chuvas abundantes dos últimos dias tornavam-na escorregadia e ainda mais suja do que o habitual. As sarjetas estavam entupidas e nas entradas acumulavam-se detritos, terra, folhas secas. O ar inchava, carregado de água, o céu baço e pesado cobria a cidade de turvas inquietações. Sérgio subia envolto numa nuvem de memórias. As mãos nos bolsos, o olhar levitando num ponto obscuro que parecia não estar dentro nem fora de si, mas num outro espaço, ao sabor de um outro vento, que não o que colina abaixo o ia desgrenhando e dificultando a sua marcha lenta e concentrada. Chegou ao pequeno miradouro onde sempre gostava de parar por momentos antes de retomar o seu caminho. Não havia ninguém. Os bancos de mármore do jardim estavam luzidios de água e não convidavam ninguém a sentar-se neles. Aproximou-se do murete que limitava o espaço do miradouro e sentiu a cidade, a seus pés, como que a subir de rompante até ao seu olhar, a implorar qualquer coisa de indefinido. Aquele espectáculo tantas vezes visto era sempre novo. As casas velhas empurravam-se umas às outras e, ao mesmo tempo, amparavam-se naquela descida desenfreada até ao rio. Os telhados maceravam na humidade do ar. Ao longe, de quando em quando, evoluíam pequenos ruídos, e vozes desprendiam-se da mole sombria do casario. Ao fundo, o rio, cinzento, parecia estagnado no seu sono de Inverno. De súbito ouviu o riso de Clara, aquele riso

rouco e quente com que ela introduzia os assuntos difíceis. «A maior sensatez é o desequilíbrio, a voracidade, a luta». Sérgio percebeu que aquelas palavras lhe eram directamente dirigidas. Ou antes, eram atiradas contra ele. Clara sempre o achou um pacificador, um indeciso, sempre o criticou por não conseguir tomar grandes decisões, por gerir o dia a dia como se dirige uma repartição pública ou um pequeno café de bairro, agradar a todos os clientes, ser simpático, não provocar quebras nem roturas no andamento dos dias, deixando que os horários cheguem tranquilamente ao seu termo, até se poder «correr os taipais», como ela tantas vezes dizia. A sua voz arrastada, a ressumar tabaco crónico e álcool excessivo: «Lá estás tu a correr os taipais, a não querer ouvir o que te dizem. És mesmo um merdas...» Talvez não existissem de facto pessoas mais diferentes. Ele vulnerável, tímido, sempre pronto a largar tudo e a correr para os poços mais fundos e escuros onde se pudesse esconder; ela, rasgada, dirigindo imaginários exércitos sempre à conquista de qualquer coisa, sobretudo das coisas que não existiam a não ser no seu desejo. Era, de certo modo, uma simples força da natureza, como um rio, uma avalanche, ou um incêndio, belo mas devastador. Sérgio costumava pensar que, tal como a natureza tem horror ao vazio, ela tinha horror ao silêncio, ao sossego, à paz, ao equilíbrio, ainda que fosse por pouco tempo.

Um dia, telefonou-lhe inesperadamente para que fosse ter com ela. Estava de vela a uma velha aristocrata que ia apodrecendo num enorme palacete sombrio e minado de recordações e fantasmas. Clara era enfermeira e trabalhava para uma empresa de cuidados de saúde particular. Sérgio hesitou ao ver o casarão rosado ao fundo da rua calma e bordejada de plátanos. Pensou que talvez fosse melhor voltar para trás. A que propósito iria entrar naquele local, e para quê? Ela ao telefone fora ambígua e indirecta como habitualmente: «estou praticamente sozinha.... Vais ver que vais gostar!» Tocou à campainha e pouco tempo teve de esperar, pois um disparador automático abriu a porta e logo a viu sorrindo ao alto de uma escadaria que conduzia ao primeiro andar. Estava de bata branca, touca na cabeça, uma revista na mão. «Sobe! Depressa...» A velha, uma condessa, soube-o depois, estava sentada num cadeirão. Tinha um olhar muito vivo, incómodo mesmo, que acompanhava todos os movimentos dos dois. Não falava, ou antes, procurava articular palavras, mas apenas se ouviam sons sem significado. O corpo, magro e descaído parecia irremediavelmente colado ao cadeirão. «Que vamos fazer?» perguntou Sérgio, continuando a não compreender porque razão Clara o tinha chamado para aquela casa. «Começamos por amarrá-la». E, sem

dar sequer tempo para uma resposta, perante a pálida estupefacção de Sérgio, saiu por momentos da sala, e voltou com umas cordas, que logo começou a enrolar à volta do corpo da condessa e da cadeira, indiferente aos inquietos grunhidos desta, debatendo-se perante a insólita acção. Sérgio continuava lívido, inundado em suores frios. «Clara, por favor, pára com isso!?» «Cala-te, e anda ajudar-me a apertar isto bem» Sérgio tremendo, obedeceu-lhe. «Mas que queres tu fazer? E se vem alguém?». Certificando-se de que a velha estava amarrada, Clara soergueu-se, voltou-se de frente para Sérgio, e começou a tirar a roupa, peça a peça, até ficar apenas com roupa interior. Sérgio não queria acreditar. «Despe-te, vá. Depressa!» e ajudou-o a tirar o casaco, puxou-lhe a camisa para fora das calças, e instou-o a acabar de se despir. Os olhos de Sérgio, iam do corpo de Clara à cara estupefacta da velha, cujo olhar chispava, enquanto procurava soltar-se do emaranhado de cordas, sem qualquer resultado. Clara estava agora completamente nua, ajoelhou-se aos pés de Sérgio, puxou-lhe as calças e acabou por despi-lo também. Durante cerca de uma hora tudo fizeram à frente da condessa. Ele, a princípio interdito, entregou-se a pouco e pouco, não resistindo aos apelos de Clara, ao seu corpo insinuante, e à sua destreza em matéria de sexo. Quando desceu a escadaria em direcção à saída, ainda ouviu a gargalhada rolada com que ela se despediu. Dias depois, confessou a Sérgio que tinha realizado uma das fantasias da sua vida: exhibir o seu corpo jovem e cheio de vitalidade, fazendo amor diante de uma velha, para mais, uma velha implicativa, que ela odiava pela insuportável rabugice. Sérgio contrafeito, asfixiado em autocensura, contrapôs alguns argumentos éticos à embriaguês vitalista de Clara, que o calou com algumas frases demolidoras sobre a inexorável vitória do novo sobre o velho, da vida sobre a morte. «Mas ela irá contar o que fizemos», alertou Sérgio. «E depois?», respondeu Clara, «Quem vai acreditar numa coisa destas? Não te preocupes, a velha mal fala, e ao que se sabe, não tem família próxima, só uns parentes afastados que contrataram o serviço.»

De súbito, a chuva começou a cair com abundância. Entraram num bar e sentaram-se numa mesa ao fundo, perto de uma pista de dança. A música tudo fazia vibrar. Sérgio aguentava com dificuldade, a cabeça doía-lhe, não se sentia à vontade, achava que toda a gente olhava para ele. Era inútil falar. Aos gritos pediram bebidas a um empregado altíssimo que se inclinava sobre a mesa para ouvir o que queriam. Tinha a boca permanentemente aberta e parecia que os dentes cavallares não lhe cabiam dentro. Vestia-se inteiramente de couro negro e usava anéis, brincos e *piercings* onde lhe era possível. Clara manifestava uma

incompreensível boa disposição, contrastante aliás com o seu humor durante o dia. Tinham visitado alguns museus, mas apenas por insistência de Sérgio. Estavam em Florença há dois dias, e parte deles foram passados em lojas e *boutiques*, principalmente de roupa, sem que Clara chegasse a comprar o que quer que fosse. À parte isso, fez-se fotografar junto dos monumentos e locais do costume e tiveram um começo de discussão quando, chegados ao Giardino dele Rose, ela rompeu numa gritaria histérica, abanando-o e perguntando-lhe se era para ver aquilo que a tinha feito andar tanto tempo a pé. Agora Sérgio hesitava em sugerir que voltassem para o hotel, mesmo à chuva, que não parava. Temia uma nova descarga, para mais em público e num antro daqueles. Mas continuar naquele inferno de ruído e fumo de tabaco, com Clara a trautear as apocalípticas vibrações que tudo perfuravam, e a abanar a cabeça e o corpo com um ar pretensamente divertido, também não lhe apetecia. E saiu.

O rio estava agora mais escuro, parecia transportar toneladas de lodo. Parara de chover, mas o céu continuava de chumbo e o ar carregado de humidade. Sem se dar conta, havia-se sentado. Apercebeu-se disso quando começou a sentir as calças molhadas. Nesse mesmo instante, quando passava as mãos pelas coxas e se preparava para se levantar, viu num canto do jardim, entre o murete e um canteiro arruinado, dois pombos, um em cima do outro. O que estava por cima, movimentava-se, descaía para o chão, voltava a saltar para cima do outro e lançava-lhe bicadas insistentes. Tratava-se de uma tentativa de sexo, mas havia qualquer coisa de muito estranho, pois o que estava por baixo, não se mexia, parecia não ter vida. Sérgio olhou mais atentamente, e percebeu que o pombo sobre o qual aquele D. Juan de penas fazia as suas investidas amorosas, estava morto ou, pelo menos, moribundo, pois, de quando em quando, fazia ligeiras deslocações, mudando ligeiramente de posição. Ou então, esses quase imperceptíveis movimentos, eram o resultado dos saltos e avanços do macho, e o pombo estava mesmo morto. Morto ou moribundo, não impedia o patético entusiasmo do pombo impante que saltava e dava bicadas no seu infortunado companheiro.

Sérgio chegou ao hotel com uma sensação estranha. Deixara Clara no bar, pois a certa altura, ela começara a falar entusiasmada com um velho que se sentara na mesa ao lado e procurara meter conversa, pedindo-lhe lume, quando percebeu que Clara e Sérgio não trocavam uma palavra e estavam desavindos. Muito velho não seria, mas tinha o cabelo todo branco e uma barba grande, mal cuidada e também embranquecida. Falava num inglês demasiado musical, e disse

ser checo e estar ali em Florença em negócios. Procurava comprar um castelo na Toscana para se retirar do mundo («to live out of the world», fora a frase que Sérgio lhe ouvira). Estava farto das pessoas, dos problemas, da mesquinhez por vezes incompreensível dos caminhos de todos os dias e queria sossego para se poder dedicar a estudos sobre os seus antepassados que, aliás, dizia não compreender muito bem. Sem que tivesse sequer entendido porquê, tinha sido alvo de um processo judicial muito complexo, ao que parecia movido por estes. Gastara rios de dinheiro com advogados e custas judiciais, e chegara ao fim na mesma, sem entender nada da sentença, e completamente desgastado.

Sérgio, que se lembrava agora dessa conversa, sentia que a realidade ia ficando cada vez mais longe e que ele ia mergulhando numa espécie de silêncio anestésico. A cidade era triste, mais desolada ainda nestes dias parados de Inverno, em que o próprio rio (a única coisa verdadeiramente viva) também se entregava a uma letargia inelutável na sua cor de chumbo adormecido, parecendo apenas um prolongamento do torpor que dominava as casas e as colinas, e não aquele clarão de sonho, aquele apelo com que Sérgio tantas vezes o surpreendera. As pessoas habitavam um quotidiano semelhante ao mecanismo de uma máquina, feito de gestos sincronizados e aspirações previsíveis e mesquinhas. Qualquer coisa de atávico, com raízes muito fundas no tempo, parecia anquilosar muita gente, torná-la num reles conjunto de figurantes dum espectáculo sem princípio nem fim, mas apavorantemente banal. Às vezes olhava velhas fotografias da cidade: as praças, as ruas, os recantos facilmente identificáveis. Fotografias que teriam mais de um século. E o que via? Com outras vestimentas, mais lapuzes, estáticos e embasbacados ainda pela novidade da máquina fotográfica, mas sempre as mesmas caras terrosas, o porte acanhado e acabrunhado, a sombra de um irremediável estigma pairando sobre as suas tristes figuras. O que seria verdadeiramente novo com a passagem do tempo? Talvez apenas o acessório, a ramagem, as folhas. A árvore permanecia a mesma, com as suas fortes raízes no desconhecido, alimentando-se desse húmus eterno que nos torna ecos de ecos, sombras de sombras. A mão que segura o telemóvel, não anda longe da manípula peluda que segurava o calhau de sílex para matar o que lhe estivesse por perto. Sérgio interrompeu estas reflexões, dando-se conta de que surgiriam aos olhos da maior parte dos seus concidadãos (palavra esta que lhe soou tenebrosa) como totalmente anacrónicas e descabidas neste tempo de febre tecnológica que agitava o remanso secular, dando uma ilusão de vida a algo que há muito se debatia num estertor interminável

Jan Nowák, segundo disse, nascera numa aldeia da Boémia, há mais de sessenta anos. Os pais foram destacadas figuras do partido e gozavam de uma desafogada situação financeira. Estudara direito e filosofia, primeiro em Praga, depois em Heidelberg. Soube manter sempre uma distância oportuna entre o regime e o que não o era, sem apologias, nem dissidência. Quando o comunismo caiu, prontamente se perfilou junto das vozes liberais e, de negócio em negócio, trocando favores por favores, apoiando as pessoas certas, em poucos anos conseguiu juntar uma fortuna considerável. De que maneira, só poucos o saberão. Talvez tivesse sido essa a razão do interminável e inexplicado processo, pensou Clara. Era esta figura espessa, mas sem dúvida simpática (pelo menos aos seus olhos) que, naquela tempestuosa noite florentina, ficou a falar com ela, enquanto Sérgio regressava ao quarto de hotel, deprimido e irritado. De que falaram eles?

Justamente da condessa Ana Antonieta Carolina Luísa de Sá Guazzini, viúva do conde de Trovi, um italiano com cujos herdeiros Jan dizia negociar a compra do castelo na Toscana. A condessa falecera poucos anos antes, de uma doença que a mantivera entrevada durante muito tempo. Deixara a Toscana após a morte do marido, um eterno sedutor, sempre em busca de mulheres muito novas, que se suicidara, de modo nunca completamente esclarecido, desgostoso, por ter cessado abruptamente, contra a sua vontade, uma relação serôdia por uma enfermeira de sua mulher. A condessa, desde então, passara a odiar todas as mulheres jovens. Passara a ter também uma reacção neurótica à cor branca, ao ponto de, embora profundamente católica e protectora de causas de benemerência e caridade, sentir enjoo quando Sua Santidade o Papa aparecia na televisão vestido dessa cor. Clara ao ouvir mencionar o nome de família da condessa, a certa altura da conversa com Jan, nem queria acreditar. Como era possível que num bar de Florença, um acaso a fizesse sentar ao lado de um desconhecido que se preparava para comprar tudo o que de relevo restava da condessa?! Percebia agora, pelo relato de Jan, a razão pela qual a velha a odiava, e porque estava sempre a implicar com ela, apesar das suas enormes limitações físicas. O problema era então o branco, e a sua profissão. Clara, com o seu espírito prático sempre tinha atirado para trás das costas as queixas da velha, mas sentia que a cena de sexo diante dos seus olhos incrédulos, tinha sido a forma mais justa de dela se vingar. Só agora entendia bem as contorções da condessa, os seus olhos revirados, o seu esgar de ódio, tanto maior, quanto tinha enorme dificuldade em articular palavras, para além daqueles sons abafados que lhe saíam da garganta entorpecida.

Sérgio deixara o largo do miradouro, ainda impressionado com a cena dos pombos. O céu clareara um pouco, sentia-se o esforço do sol por atravessar a muralha cinzenta das nuvens que enchiam todo o horizonte. Porém, em vão. A cidade parecia submersa, uma espécie de gigantesco cetáceo com mil olhos a decompor-se, minado pela humidade que em tudo se entranhava. Jan acabara por não comprar o castelo. Ao fim daquela noite no bar de Florença, Clara e ele trocaram endereços. Os dias após o regresso de Florença foram o começo de um agónico processo que pôs fim a uma relação que nunca deixou de ser tumultuosa e na qual o amor se tornava cada vez mais difícil. Meses depois Jan viria visitar Clara, e instalou-se na cidade. Clara sentira crescer uma imparável curiosidade por aquele homem. Ao fim de algum tempo convenceu-a a ir viver com ele num vasto apartamento que comprou numa zona residencial, tranquila e cara, muito perto do velho palacete da condessa Guazzini. Sérgio ia sabendo da evolução daquela nova relação através dos relatos que Clara, tarde na noite, lhe fazia, chegando a acordá-lo com os seus abruptos e longos telefonemas. A diferença de mentalidades e de educação fazia os seus estragos, e à medida que o tempo ia passando agravou as consequências da diferença de idades entre os dois. «Estou farta desta vida. Já não posso ver este mono à minha frente», desabafava com Sérgio. O apartamento tornara-se demasiado grande para uma vida tão estreita.

Era precisamente para esse apartamento que Sérgio se dirigia quando abandonou o miradouro e começou a descer as ruas que conduziam à parte baixa da cidade, junto ao rio. Clara telefonara-lhe implorando-lhe que a fosse visitar, e que o «Golem» tinha ido a Praga concretizar uns negócios. A sua voz tinha algo de estranho, parecia perturbada, mas escusou-se a dar explicações. Sérgio levava ultimamente uma vida mais entediante do que o habitual. Tinha vontade que acontecesse qualquer coisa, uma pequena rajada de vento que levantasse o que por inércia se encontrava há tanto pousado no chão áspero dos dias. E, embora não visse Clara há já meses, apeteceu-lhe estar com ela, satisfazer uma curiosidade sonolenta de ver como vivia nesse apartamento com o homem de quem tanto se queixava, mas que não abandonava nunca, talvez porque apesar de tudo lhe proporcionasse uma vida financeiramente desafogada, o que ela nunca tinha tido. Ao princípio hesitou, mas a uma insistência dela, acedeu a combinar uma hora para a visita. O prédio onde se situava o apartamento tinha apenas dois andares, para além do rés-do-chão, tendo o último ainda umas águas-furtadas. Era esse o domínio de Clara. O trinco da pesada porta de madeira

da entrada foi accionado logo que Sérgio dela se aproximou, a porta cedeu ligeiramente e uma pequena fresta de negrume apareceu aos seus olhos. Com a mão empurrou o suficiente para poder entrar. Não tocara, talvez Clara estivesse na janela esperando-o e abrisse mal o vira na rua a olhar para cima. Subiu as escadas, largas e solenes, com um ligeiro cheiro adocicado a antigo. A porta do primeiro andar estava entreaberta. Entrou. Ao fundo de um comprido corredor embalado em penumbra, destacava-se um vulto hirto, à frente de uma janela por onde entrava uma luminosidade tímida. Em contraluz não conseguiu perceber quem o estaria esperando, mas era óbvio, pela estatura, que não era Clara. Sentiu um arrepio ao caminhar para algo que lhe era desconhecido e que se lhe afigurava como uma atmosfera perturbante. Seria mais uma das habituais brincadeiras de Clara? Quando chegou à sala ao fundo do corredor, o arrepio tornou-se gélido, total, uma espécie de chicotada fulminante que o deixou lívido e quase o fez desmaiar: Jan era o vulto que se avistava ao fundo do corredor. Estava vestido de negro, de braços cruzados, numa pose expectante, um esgar estranho na boca, que poderia parecer um sorriso apenas esboçado. Sérgio não o reconheceu imediatamente, há muito que não o via, e o processo que o levou à identificação, foi uma espécie de vórtice, um rodopio doloroso na sua mente, como se uma memória fosse arrancada de dentro de si como um órgão vital. Não teve sequer tempo de abrir a boca antes de se dar conta de ter caído numa cilada cujos contornos e objectivos estava longe de entender: Clara estava amarrada a uma cadeira, com uma mordaça na boca, completamente nua. Ao fundo, numa cadeira de rodas, pesada e escura estava uma velha que fazia lembrar a condessa, embora muito mais firme e viva do que a que Sérgio vira no dia da caprichosa aventura no palacete ali perto. Tudo isto foi apreendido por Sérgio num instante. O instante que precedeu a sua tentativa gorada de fuga. De facto, voltou-se e procurou chegar ao corredor que há pouco tinha percorrido com uma curiosidade inquieta e como que premonitória. De nada lhe serviu essa tentativa, o corpo não reagia, as pernas estavam tão fracas que lhe pareceu que ia desmaiar, sentia um entorpecimento geral, como se tivesse caído numa espécie de pântano inelutável. «Tudo isto lhe parecerá estranho, caro Senhor, mas não julgue nada precipitadamente, sobretudo não se deixe arrastar por preconceitos» Era a voz solene e arrastada de Jan. «As coisas nunca são exactamente o que parecem. Peça-lhe que encare o que lhe pedir com naturalidade. Nas nossas cabeças passa o mesmo filme, mas projectado a velocidades diferentes, com as imagens ora nítidas, ora desfocadas, os próprios actores e situações passam por



algumas metamorfoses, mas todos vemos o mesmo filme, por isso, não se inquiete. Minha mãe, aliás, minha madrasta precisa de si», dizia isto, olhando a velha, que estática e firme na cadeira, fitava Sérgio com um olhar fixo, poderoso, ígneo, dir-se-ia, como se um vislumbre de lava despontasse na cratera ressequida de um vulcão há muito extinto. «Sim, farei o que quiser, mas explique-me esta situação. Não entendo, a Condessa não morreu? Porque é que a Clara está amarrada?» conseguiu Sérgio tartamudear, inundado em suor e a tremer. «Peço-lhe que não faça perguntas. As respostas tê-las-á em devido tempo, se as merecer» A pouco e pouco ia-se dando conta do local onde estava. Um enorme salão, muito semelhante ao do palacete onde conhecera a condessa e a ajudara a amarrar a uma cadeira, tal como Clara agora estava. O espaço era amplo, mas sobrecarregado de móveis, objectos e *bibelots*. Na parede do fundo, por trás do cadeirão da condessa, um gigantesco óleo representando um homem de meia idade, grisalho, de enormes bigodes de pontas reviradas, sentado, em pose convencional, de cotovelo pousado num dos braços do assento e segurando com a outra mão uma espada vertical apoiada no chão. Usava um uniforme militar. Logo abaixo deste retrato, uma panóplia de espadas muito semelhantes à do quadro. Numa outra parede, numa fotografia de grandes dimensões, em moldura escura, densa de labores, podia ver-se o mesmo homem retratado, de perfil, cumprimentando alguém de perfil cavalheiresco e aventureiro, de bigode e pêra, usando também uma farda militar. Numa pequena camilha entre a velha e Jan via-se uma salva de prata, sobre a qual se encontravam três envelopes. «A minha madrasta precisa dos seus favores, por isso lhe peço que nos acompanhe. Lembre-se que do bem êxito desses favores, dependerá muita coisa, dependerá nomeadamente a sua vida e o conhecimento dos motivos por que está aqui. E dito isto, dirigiu-se para a velha, começou a empurrar a cadeira de rodas, passou diante de Sérgio e entrou na penumbra do corredor infundável. «Siga-nos», disse para Sérgio. «E nada de espertezas...»

Na completa escuridão dos aposentos da velha para onde Sérgio fora arrastado, seguindo sem qualquer reacção o insólito cortejo, pouco se conseguia ver. Um candeeiro de mesa-de-cabeceira, de luz muito ténue, apenas permitia fazer alguns movimentos sem tropeçar ou deitar coisas abaixo. Nada de movimentos amplos. «Aproxima-te», disse-lhe a velha num murmúrio quase imperceptível, quando a porta se fechou atrás de Jan.

Aproximava-se agora do murete do velho miradouro onde gostava de ir para se sentir bem a sós consigo mesmo. Muitos meses tinham passado, mas

não os suficientes para lhe permitirem ter ideias claras sobre as coisas. Se é que alguma vez as teria. Era um dia de Verão. A luz cegava de tanta intensidade. Poucas pessoas andavam por ali, apesar do bom tempo. Tinha havido uma debandada para as praias, era tempo de férias. O rio, espraiaava-se, como que ardendo em mil palhetas de prata que o sol lhe arrancava. A torre da velha igreja sobranceira ao miradouro dava as doze badaladas do meio-dia. «Midi le juste», pensou, evocando longínquas leituras, talvez fosse afinal este o momento da sua lucidez, o momento da verdade, da reposição do entendimento. Mas a verdade não era mais do que aquela borboleta que esvoaçava à sua frente, insinuante e ingénua, branca e volátil, pousando e fugindo, enganadoramente efêmera. De súbito a pequena borboleta fixou-se nas flores de um canteiro no qual estremeciam algumas papoilas de pétalas rubras.

Rubra era a pasta viscosa no pescoço de Clara. Rubra era a lâmina da espada que Jan segurava ainda numa mão, e que faltava na panóplia da parede, enquanto a outra abraçava o tronco desnudado e como a enrolar-se e a escorrer pela cadeira, apesar das cordas que o prendiam. Sérgio julgou então ouvir uma estrondosa gargalhada, mas não estava certo de que fora Jan que a dera, apesar do brilho que iluminava o rosto quando, atirada a espada para as mãos atónitas e desnorteadas de Sérgio, segurou a cabeça de Clara pelos cabelos, como uma Górgona. A gargalhada parecia vir da sua cara inchada de demoníaco gozo, mas parecia vir também do corpo rutilante de Clara, ou talvez do fundo do corredor, do quarto da velha, de onde Sérgio acabara de sair, como que embriagado, incapaz de entender o que se passara

Aproximara-se da velha e sentiu as suas mãos frias e secas a acariciarem-lhe os cabelos, a tirarem-lhe a roupa a pouco e pouco. Sentiu a boca ressequida a lambuzá-lo, os braços esquálidos a puxá-lo para si, as frases que numa espécie de prece se desprendiam daqueles lábios murchos e como que comidos pela própria boca. «Meu amor, meu amor, possui-me, quero a tua juventude, a tua força». A energia com que se entregava era inacreditável e levou Sérgio a um delírio que ele julgaria impossível. À medida que penetrava aquela aquele invólucro desconjuntado, sentia retesarem-se os músculos da velha, a sua carne ganhar uma elasticidade perfumada, os seus recessos ressuscitarem uma humidade há muito perdida. O que de estranho se passara até aí naquela casa inverosímil, as suas preocupações e temores, a perplexidade que o tolheu, tudo desapareceu naqueles instantes (ou horas) em que Sérgio possuiu aquela mulher, aquele espectro do que terá sido em nova. Até o próprio quarto, imerso em escuridão, apenas

deixando adivinhar vagos contornos, difusas formas frouxamente iluminadas pela mortífera luz, até ele deixou de ter existência, a cadeira de rodas mais parecia um corcel em cujo dorso ambos eram levados ao sabor do vento indómito, parecendo correr inclinados numa cavalgada interminável, o corpo de um, estremecendo nas convulsões do corpo do companheiro de sexo, até voar, nada mais vendo à sua frente do que aquele perfume que se desprendia da carne há pouco engelhada mas agora tonificada e vibrante daquela mulher, do hálito que começara por ser quase sepulcral, mas que se tornara um sopro quente e cheio de ardor, numa boca que ia ganhando a tumidez de um fruto solar. As correias mentais que o prendiam quando, seguindo Jan e o carro de rodas, entrou no misterioso quarto, soltaram-se completamente, e já sem arreios e rédeas, esse cavalo fogoso de amor só via planícies de luz, e a pouco e pouco, uma onda branca invadiu o quarto e o rosto da velha foi desaparecendo, começando pelo pescoço, pelas peles penduradas, pela boca que se desfez numa nuvem e pelos olhos que se sumiram na claridade. Sérgio estava quase cego, saiu do quarto às apalpadelas e foi pelo corredor fora em direcção ao salão onde tinha estado quando chegara àquela casa.

Foi então que se ouviu a gargalhada. A cabeça de Clara jazia sob a espessa tapete que cobria o chão ensanguentado. Jan, como possesso, segurava agora nos envelopes que Sérgio havia visto em cima da bandeja e repetia acenando com eles: «São três! São três...!» e entregou-os a Sérgio que, com eles na mão desarvorou pelo escuro corredor em direcção à porta. De súbito, ao passar pelo quarto da velha teve um estremecimento. Na ombreira estava uma rapariga muito bela, nua, com um sorriso de satisfação, fumando um cigarro. Ao passar por ela, soprou o fumo para cima de Sérgio e disse apenas: «*Ciao! Grazie!*»

Foi no miradouro, sentado num banco de pedra, numa noite clara de Junho, à luz de um candeeiro público, que Sérgio abriu um a um os três envelopes que Jan lhe entregara como se fossem o prémio a receber por aquela inexplicável aventura. Os envelopes continham páginas ao que parecia arrancadas a um diário da velha, e cuja leitura revelou a Sérgio que a autora era de facto a Condessa cuja morte fora comunicada a Clara naquela noite florentina, mas que afinal estava bem viva, que Jan era filho do Conde e de uma relação extra-matrimonial com uma checa. O Conde não se suicidara, mas fora assassinado pela Condessa, farta de tantas infidelidades, e que habilmente retalhara o corpo do marido com uma das espadas de que ele tanto se orgulhava e que usara na campanha de Fiume, ao lado de Gabriele d'Annunzio. Da leitura, concluía-se ainda a

cumplicidade de Jan com a madrasta, por odiar o pai. Ambos tinham orquestrado um simulacro de morte da velha, razão pela qual a polícia nunca lograra descobrir o presumível psicopata que assassinara o Conde, cortando-o à espadeirada. Finalmente percebia-se que, no dia em que Clara e Sérgio fizeram amor à frente da Condessa, esta ter-se-ia sentido tão humilhada que prometera a si mesma fazer amor com aquele jovem, e não se ficar atrás da torpe rapariga. O seu ódio às enfermeiras fez o resto, com a ajuda do seu enteado e cúmplice. Para além disso, a Condessa acreditava cegamente numa velha lenda que ouvira em criança contada a uma criada, segundo a qual velha que faça amor com um jovem, ao mesmo tempo que for cortada a cabeça de uma rapariga que com ele tenha tido relacionamento carnal, rejuvenesce. Numa folha dactilografada que tinha sido junta às do último envelope, podia ler-se que Sérgio fora escolhido como depositário das confissões que acabara de ler, com a advertência de que deveria guardar um segredo total acerca delas, pois de outro modo seriam apresentadas à polícia provas irrefutáveis de que assassinara Clara.

Dobrou os envelopes, guardou-os no bolso, levantou-se e começou a descer a rua em direcção a casa. Não queria saber de mais nada. Era uma pessoa simples, sabia que a maior parte das vezes não conseguimos explicações aceitáveis para o que se passa connosco, que é difícil saber onde acabam as fronteiras da imaginação e do efectivamente sucedido e que o melhor é entrar na tranquilidade repetitiva do quotidiano. É certo que lamentava o que se passara com Clara, mas a verdade é que ela, com os seus excessos irreverentes tinha dado origem a todo aquele pesadelo. E afinal, há muito que se tornara difícil amá-la. Mais confortado com as suas reflexões apaziguantes, entrou numa cervejaria e bebeu duas cervejas. Ao tirar a carteira para pagar, deu pela falta dos papéis no bolso. Tê-los ia perdido? O melhor seria voltar atrás e tentar encontrá-los algures no chão. Se alguém os visse e lesse, seria no mínimo suspeito e poderia ser muito perigoso. Deu uns passos em direcção ao miradouro, mas não viu vestígio dos envelopes, procurou no chão, junto do banco onde estivera sentado. Nada! Desistiu e voltou a fazer o caminho em direcção a casa. A certa altura, ouviu a voz de Clara vinda detrás de um arbusto, a dizer-lhe: «Lá estás tu a correr os taipais, a não querer ouvir o que te dizem...»